

Caipiras, de lá e de cá

JORNAL DE BRASÍLIA
12 JUL 1996

LUIZ ADOLFO PINHEIRO

Fernando Henrique Cardoso é uma simbiose de pensador e de político. Desde que tomou posse na Presidência da República, comporta-se a maior parte do tempo como chefe de governo e de estado, o que é natural. Mas não se pode esquecer o formulador de idéias quando, por exemplo, fez a famosa observação sobre o nosso lado caipira. É a constatação de um professor que viveu e lecionou em outros países e, portanto, teve uma vivência própria, pessoal, intransferível, do que observou da vida de outros povos. E coteja esse comportamento com o do brasileiro, quanto ao interesse pela política exterior. O desabafo foi genuíno e procedente. "Cogito, caipira sunt", diria um Descartes caboclo.

Mas é um desabafo incompleto, pois dá a impressão de que somos caipiras, enquanto "eles", os estrangeiros, não o são. Essa pode ter sido uma verificação do professor FHC pelas capitais e liceus estrangeiros privilegiados onde lecionou. O que se constata pelo mundo, entretanto, é que a esmagadora maioria dos povos é constituída de caipiras, muitos dos quais têm profundo orgulho disso, que confundem com patriotismo. Não somos exceção e levamos uma grande vantagem: o caipira brasileiro (90% da população, inclusive das elites) é mais aberto, tem uma grande curiosidade, uma sede de conhecimento e, no geral, é sem preconceitos contra outros povos e países. "Eles", ao contrário, são campeões do parquianismo, do provincianismo conservador e até arrogante, da caipirice mais deslavada. Caipirice disfarçada em chauvinismo de grande potência é com "eles" mesmos:

O horizonte do brasileiro comum, seja do pobre, do remediado ou do bem posto na vida, estende-se ao infinito do planeta, até por termos sido criados, miscigenados por muita gente - caipiras europeus, capiaus asiáticos, matutos levantinos e escravos africanos, estes também imbuí-

dos de suas caipirices tribais. Por isso, o brasileiro é ecumênico por natureza, por formação cultural. Até nosso Jeca-Tatu de hoje é mais universal, acompanha com gosto e com muito interesse o que se passa pelo mundo, ainda mais com as facilidades oferecidas pela comunicação instantânea da TV, da Internet, dos vãos mais econômicos. O caipira de hoje, com antena parabólica, tem um olho no cigarro de palha, outro na CNN. O Jeca "Tattoo" ianque, por seu turno, raramente se interessa por alguma coisa além dos limites do seu condado.

A mais remota birosca do interior do Brasil tem algum curso de inglês - e alunos estudando o idioma, porque sabem que vão precisar dele. O caipira brasileiro que faz turismo no mundo ou que emigra para o Japão ou para Miami não chega lá completamente ignorante, mas com razoável conhecimento da realidade local, ao contrário do turista visigodo europeu que aporta por estas bandas pensando encontrar índios nus e cascavéis nas ruas de Copacabana, principal bairro de Buenos Aires, capital do Brasil...

O europeu e o ianque comuns são caipiras natos, acostumados por séculos e séculos a viverem em cidades cercadas de muros medievais e de castelos com pontes levadiças, que limitavam sua visão do mundo. O seu horizonte começa na sua rua e acaba no quarteirão - ou, quando muito, nos muros da sua aldeia. E quando sai da cidade, termina na serra - como no romance de Eça de Queiroz. O parisiense comum sabe quase nada além do seu "arrondissement". Estudantes brasileiros que residiram por alguns meses com famílias americanas, em programas de intercâmbio, testemunharam a caipirice dos ianques. Até os seus políticos também são caipiras, como o provam as fortes tendências "isolacionistas" do passado. Contam-se nos dedos os deputados e senadores dos EUA e da Europa informados sobre o Brasil. O presiden-

te Ronald Reagan, um caipira de Hollywood, disse, num banquete no Itamaraty que estava muito feliz de visitar ... a Bolívia! Em Bonn, em 1985, um constrangido funcionário da chancelaria federal relatava-nos a sua dificuldade em convencer uma caipira alemã (portadora de diploma de curso superior), que a distância entre Caracas e Buenos Aires não era a mesma entre Hamburgo e Munique, como ela pensava ao ver o mapa-mundi...

Os caipiras europeus e ianques comuns são também arrogantes, qualidade que o caipira brasileiro, infelizmente, ainda não incorporou à nossa personalidade nacional, principalmente pela falta da maior pregação dos nossos valores por parte de líderes políticos com menos vergonha e com mais orgulho das coisas do Brasil. Um jornalista brasileiro que morou em Londres, e ainda vive hoje em Brasília para confirmar, contou-nos que um renomado cronista britânico, ao ver na revista "Veja" fotos de casas brasileiras com lindos jardins, comentou que seguramente não podia ser no Brasil, porque só na Inglaterra existiam jardins daquele tipo; e que nenhum brasileiro tem jardim em sua casa, pois vivemos apinhados em prédios de apartamentos ou amontoados em favelas...

A caipirice é um fenômeno comum a todos os povos e nações. A diferença é que temos mentalidade mais aberta, melhor "broad mind" do que o caipira alienígena, diante do qual ainda ficamos com complexo de inferioridade. Faltou ao presidente-sociólogo dizer isso. Mas as oportunidades certamente não vão faltar para que ele volte ao assunto, que tem motivado um justificado interesse na opinião pública de um país majoritariamente caipira, a começar das elites que o governam.

■ Luiz Adolfo Pinheiro é editor de Opinião do JBR